



O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA CLASSE TRABALHADORA

Lícia Cristina Araújo da Hora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA (Brasil)
Endereço eletrônico: liciadahora@ifma.edu.br

INTRODUÇÃO

O conceito de experiência aparece com frequência no debate do processo de escolarização da Educação de jovens e adultos (EJA), seja na etapa de alfabetização, ensino fundamental ou ensino médio, associado de modo geral dando maior ênfase ao seu valor individual, subjetivista, como elemento cultural, experiência profissional, validação de saberes tácitos, competências profissionais da experiência, como validação do saber acumulado pela experiência de vida, ou ao aprendizado pela experiência. Partimos do pressuposto que a experiência como valor formativo humano para classe trabalhadora deve estar relacionada à categoria trabalho e inserida na história, longe portanto de ser uma experiência cognoscente que se reduz a uma experiência unicamente sensível (MORAES; MÜLLER, 2003).

Assim, pretendemos neste trabalho expor a concepção dos saberes da experiência dentro concepção pragmatista, liberal e individualista do filósofo estadunidense John Dewey e situar a discussão em uma concepção materialista histórica apresentada pelo historiador inglês marxista Edward Palmer Thompson, compreendida na relação experiência-história-trabalho.

METODOLOGIA

Pretendemos discutir os saberes profissionais a partir da categoria experiência. Sabemos que há uma vasta literatura no campo da educação, nos estudos do cotidiano, da arte e da cultura que incide em temas sobre a EJA que realizam esta discussão sob viés da micro da história, do subjetivismo. Optamos por desenvolver o conceito de experiência a partir de Thompson (1981), pois para este os processos sociais não podem prescindir do estudo da experiência humana. Faremos uma análise das diferenças teóricas das concepções pragmatistas, sobretudo àquelas que avançaram sob o manto das ideias de John Dewey, que usam indiscriminadamente esse termo para propor inovações no âmbito do espaço escolar.

2073



A CONCEPÇÃO DE DEWEY SOBRE A EXPERIÊNCIA

Jonh Dewey foi um educador bastante conhecido no mundo, suas ideias ganharam muita capilaridade. Foi um dos precursores da corrente filosófica pragmatista americana. A obra que mais teve repercussão no Brasil foi *Democracia e Educação* publicada no ano de 1916. A obra *Experiência e Educação* impulsionará o debate da noção de Escola Ativa e criativa. No contexto brasileiro o pensamento de Dewey esteve diretamente associado ao movimento escolanovista, cujo principal difusor foi Anísio Teixeira, após realizar estudos nos Estados Unidos e ser aluno deste pensador. A Obra de Dewey intitulada *Arte como experiência* também influenciará muito o ensino de Arte no país e a compreensão de experiência estética.

Dewey considera que a ideia central da filosofia da educação nova é a de haver uma relação íntima e necessária entre os processos de nossa experiência real e a educação. Seu pressuposto fundamental é a defesa da conexão orgânica entre educação e experiência pessoal, estando, portanto, a nova filosofia de educação comprometida com uma espécie de filosofia empírica e experimental. Para este filósofo e educador, a educação é o processo de reconstrução e reorganização da experiência, no qual identificamos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras. Destacamos os princípios mais importantes para a formulação da teoria da experiência: a) categoria de continuidade – diz respeito a discriminação entre experiências de valor educativas e experiências sem tal valor; b) interação diz respeito as condições objetivas e condições internas.

A CONCEPÇÃO DE E. P. THOMPSON SOBRE A EXPERIÊNCIA

Thompson é um historiador marxista, seu debate teórico-metodológico é reconhecido por inúmeros marxistas no mundo e no Brasil. Há divergências com um determinando campo do marxismo e as críticas produzidas ao seu pensamento por discutir os conceitos de experiência e cultura, assim como há inúmeras produções que definem sua identidade como um teórico culturalista, o que refletiu numa versão “domesticada”¹ na academia, criando uma espécie de versão *light* de Thompson, cujo rigor metodológico esvaziou-se e passou a ser associado a outras matrizes teóricas.

¹ O termo domesticação foi utilizado no artigo do Prof. Marcelo Badaró para explicar como Thompson e Gramsci foram domesticados na Universidade para obter uma melhor difusão e aceitação na formação de



No campo de pesquisa do Trabalho e Educação sua obra é importante para os avanços das pesquisas que buscam na produção da escola pública uma referência de qualidade para a classe trabalhadora. Contudo, sabemos que a categoria experiência é vastamente explorada nos estudos para Educação de Jovens e Adultos no âmbito da educação popular sob diferentes matizes, aparecendo como sinônimo de prática, forma de ser, de fazer, uma maneira de viver, ensinamentos que se adquiriu com a prática e com a vida profissional, sua concepção pedagógica está associada as concepções pedagógicas das “pedagogias do aprender a aprender” (DUARTE, 2000).

Ainda fazendo referência a pesquisas na relação Trabalho e Educação, Ramos (2001) fez um denso estudo sobre Pedagogia das Competências, caracterizando esta Pedagogia como eminentemente pragmática, utilitária, substituindo o caráter histórico e ontológico do conhecimento pelo caráter experiencial. Buscando produzir novas reflexões ao que se denomina saberes profissionais no nível do ensino médio técnico profissionalizante, Marise Ramos (2014) o faz a partir da compreensão de que o saber profissional não é uma epistemologia, é uma cultura, em que há possibilidades de articulação dialética entre teoria e prática que proporcione a análise e deliberação conscientes na prática social.

É por compreendermos que o conceito de experiência está em disputa e que não se pode prescindir dele para pensar a formação humana da EJA dentro de uma educação unitária, que recorremos a Thompson, pois ao buscarmos entender a trajetória escolar, o processo de profissionalização, assim como o persistente histórico de interrupção e abandono de jovens e adultos das salas de aula, é importante enxergá-los como seres concretos, situados em condições sociais que refletem suas particularidades, sua vida material, nas suas relações determinadas e na construção de suas experiências.

Na produção de Thompson (2002) o conhecimento de classe social torna-se impossível sem a compreensão das experiências que emergem dos confrontos de classes em função das diferenças entre as várias culturas, políticas, religiões, valores, convenções. Thompson (1978) aprofunda o conceito de experiência, sob dois aspectos: a experiência vivida que se remete a consciência do ser social a partir da experiência produzida na condição em que existe, na vida material (experiência I) e a experiência percebida (experiência II).

leitores de suas obras. Para aprofundamento desta leitura ver: (MATTOS, Marcelo Badaró. “E.P. Thompson no Brasil” In: Outubro n°. 14. São Paulo, 2006).

2075



A CRÍTICA MARXISTA DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DE DEWEY NA ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A discussão da estética e da experiência estética é também, bastante protagonizada pelo pensamento de John Dewey (2010) no âmbito do trabalho escolar no Brasil. A capilaridade das suas ideias sobre estética irá influenciar significativa o ensino da arte e as propostas metodológicas, entre as quais destacamos Ana Mae Barbosa e a abordagem triangular².

Para Dewey (2010) a teoria isola a arte da apreciação, pois produz a separação da experiência estética da vida cotidiana. Ele não concebe o sujeito como ser histórico engendrado nas relações sociais de produção e reprodução humana, e faz questão de demarcar essa posição, o que me parece muito importante para demonstrar os limites de sua compreensão sobre as necessidades humanas.

Dewey (ibidem) destaca que as teorias da estética partem de uma concepção compartimentalizada, pois se separam da experiência comum da estima popular. Em oposição a estas concepções ele defende uma concepção de belas-artes “que parta da ligação delas com as qualidades descobertas na experiência comum”, pois nelas estão a “evolução normal das atividades humanas comuns” (ibidem, p.72). A preocupação de Dewey sobre a discussão da estética na formação humana situa-se no entendimento de que a teoria tem um lugar, ela deve compreender como o prazer cotidiano e no cotidiano evolui para satisfação de uma experiência estética.

Para Dewey as experiências são definidas por situações que marcam os seres humanos nas suas vivências espontâneas, “experiências reais”. Ao discutir a formação da individualidade humana a partir da relação dialética entre objetivação e apropriação por meio da atividade do trabalho, Duarte (2013) demonstra como a humanização do gênero humano se desenvolve historicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutirmos a categoria experiência sob diferentes concepções, buscamos distinguir a concepção de sociedade, de mundo, de homem, de prática social e os fundamentos que substanciam as concepções de formação humana entre o pragmatismo

² Não é objetivo deste trabalho, tampouco das pesquisas que buscamos realizar, nos determos sobre a discussão desta abordagem. Apenas apontamos aqui sua hegemonia desta abordagem no trabalho escolar com estudantes em diferentes etapas de escolarização e profissionalização, da educação infantil ao ensino superior.



e a experiência na vida material. Thompson reconhece em sua obra como a categoria experiência, “termo ausente no marxismo”, o ajudou a elaborar o conceito de classe social, pois compreende este último conceito construído no processo de desenvolvimento histórico, apreendendo as experiências de lutas de homens e mulheres. Este historiador busca evidenciar a “história vista de baixo”, e esta perspectiva nos interessa para elaborar compreensões sobre a formação dos estudantes da EJA que estejam assentadas nas suas origens de classe.

2077

PALAVRAS-CHAVE: Experiência. Experiência estética. Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE, Newton. **A individualidade para si**: contribuição para uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. 3ª ed. Campinas, Autores Associados, 2013.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotiskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

MORAES, Maria Célia Marcondes de MÜLLER, Ricardo Gaspar. História e experiência: contribuições de E. P. Thompson à pesquisa em educação In: **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 329-349, jul./dez. 2003.

RAMOS, Marise N. **A Pedagogia das Competências**: autonomia ou adaptação? São Paulo, Ed. Cortez, 2001.

RAMOS, Marise N. O Estudo de Saberes Profissionais na Perspectiva Etnográfica: contribuições teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/pdf>. Acesso 10 jul. 2021.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria**: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward P. **Os românticos**. A Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.